

TATIANA DA PAZ LIMA

**BILINGUISMO DE ALUNOS INDÍGENAS SATERÉ-MAWÉ  
NAS TURMAS DE 6º e 7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA  
DE PARINTINS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Profº . Msc. Franklin Rooserlt Martins de Castro.

Parintins/Am

2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP  
CURSO EM LICENCIATURA EM LETRAS

**BILINGUISMO DE ALUNOS INDÍGENAS SATERÉ-MAWÉ NAS TURMAS DE 6º e  
7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS**

TATIANA DA PAZ LIMA

ORIENTADOR MESTRE FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO

**Parintins/Am**

**2018**

**TATIANA DA PAZ LIMA**

**BILINGUISMO DE ALUNOS INDÍGENAS SATERÉ-MAWÉ NAS TURMAS DE 6º e  
7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado como exigência parcial para  
obtenção do grau de licenciado em  
Letras pela Universidade do Estado do

Aprovado (a) em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

\_\_\_\_\_  
(UEA)

**Msc. Franklin Roosevelt Martins de Castro**

---

\_\_\_\_\_  
(UEA)

**Msc. Delma Pachêco Sicsú**

---

\_\_\_\_\_  
(UEA)

**Msc. Luis Alberto Mendes de Carvalho**

# Sumário

<b>RESUMO</b> .....	5
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
O QUE É BILINGUIDADE E BILINGUISMO.....	8
OS POVOS INDIGENAS SATERÉ-MAWÉ NO CONTEXTO URBANO.....	10
ANÁLISE DE DADOS.....	13
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	24

## **BILINGUISMO DE ALUNOS INDÍGENAS SATERÉ-MAWÉ NAS TURMAS DE 6º e 7º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS**

Tatiana da Paz Lima<sup>1</sup>  
Msc. Franklin Roosevelt Martins de Castro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal compreender o Bilinguismo de alunos indígenas Sateré-Mawé nas turmas de 6º e 7º ano de uma escola pública de Parintins. A pesquisa é de natureza qualitativa. Como instrumentos da pesquisa foram utilizadas a observação e a aplicação de um questionário o qual ofereceu subsídios para compreender como de fato ocorre a questão do Bilinguismo em sala de aula. Para embasamento teórico utilizou-se os estudos de Salgado e Barreto (2009) que discorrem sobre o bilinguismo e bilinguidade, Albuquerque (2016) que contribui sobre o uso do bilinguismo em comunidades indígenas, Bortoni Ricardo (2014, 2011, 2008, 2005, 2004) que contribui de maneira considerável para o desenvolvimento da pesquisa de campo entre outros autores. Deste modo, foi possível compreender o bilinguismo dentro do âmbito escolar, identificando as dificuldades do aluno indígena bilíngue e como isso influencia na sua alta afirmação como sujeito falante de duas línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bilinguismo; Bilinguidade; Sateré-Mawé, Escola.

**ABSTRACT:** This work aims to understand bilingualism in the school context of Sateré-Mawé students from two classes of elementary school in a public school of Parintins. The research is qualitative in nature, having as the ethnographic method. Observation and the application of a questionnaire which offered subsidies to understand how the issue of bilingualism in the classroom actually occurs. For theoretical background, the studies of Salgado and Barreto (2009) on bilingualism and bilingualism, Albuquerque (2016), which contribute to the use of bilingualism in indigenous communities, Bortoni Ricardo (2014, 2011, 2008, 2005, and 2004) that contributes considerably to the development of research among other authors. In this way, it was possible to understand bilingualism within the school, identifying the difficulties of the bilingual indigenous student and how this influences their high affirmation as a speaking subject of two languages.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do oitavo período de Letras da Universidade do Estado do Amazonas. CESP.

<sup>2</sup> Orientador. Professor assistente na Universidade do Estado do Amazonas. CESP. Graduado em Letras. Mestre em Filosofia. Doutorando em Linguística.

## INTRODUÇÃO

Este artigo propõe compreender o bilinguismo de alunos indígenas Sateré-Mawé nas turmas de 6º e 7º ano de uma Escola Pública de Parintins. O interesse em estudar essa temática surgiu a partir dos projetos desenvolvidos com alunos Saterémawé, são eles: A Comunidade Indígena Saterémawé na Cidade de Parintins (PROEX) e o Fanzine (PAIC). Esses projetos permitiram-me observar que os indígenas Saterémawé que ainda utilizam a sua língua materna, assim como um falante fluente de língua portuguesa, também são capazes de falar de qualquer assunto e expressar ideias das mais simples ou complexas, nada diferente de um indivíduo falante do português ou outras línguas. Além disso, as línguas indígenas também têm histórias, fazendo com que seus falantes sejam ricos de tradição e literaturas, com estilos e formas que variam. Porém, também foi possível observar o preconceito e as dificuldades que enfrentam no processo de aquisição nesta nova forma de comunicação e expressão, sofrido por esses indivíduos. Muitas são as formas de preconceito, mas, focaremos no processo do Bilinguismo.

Para que o objetivo desta pesquisa fosse alcançada, utilizou-se a pesquisa de característica qualitativa, na qual propõe ao pesquisador participar do cotidiano dos indivíduos, por meio de registros transcrito no caderno de campo, sendo possível observar tudo, para coletar todas as informações possíveis à respeito da cultura e dificuldades dos alunos indígenas os quais foram estudados.

Bortoni-Ricardo (2008, p. 72) conceitua a educação de estudos sociolinguísticos com uma teoria que se volte à aprendizagem baseada na interação verbal em sala de aula, com o objetivo de identificar processos que por serem rotineiros, tornam-se invisíveis para os atores que dele participam. Sua metodologia é de cunho qualitativo e interpretativo. O discurso em sala de aula permite ao pesquisador refletir sobre os principais processos que os alunos usam para relacionar novos conhecimento.

Desse modo, o método qualitativo teve sua importância durante o andamento desta pesquisa, por proporcionar o convívio interacional em sala de aula, visto que é no âmbito escolar que nos deparamos com alunos indígenas Sateré-Mawé que estão no processo de aquisição sobre duas línguas distintas.

O método bibliográfico foi muito útil para o embasamento e sustentação deste trabalho, a finalidade da pesquisa foi cumprir os objetivos especificados no projeto. Marcone e Lakatos (2014, p. 43-44) referem-se à pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias dizendo que é bibliografia já publicada, em formas de livros, revistas, publicações avulsas e impressa e escrita. O maior objetivo deste tipo de pesquisa é fazer com que o pesquisador tenha contato através de obras que possam reforçar as análises de suas pesquisas no processo da elaboração, que seja possível ganhar informações que possam contribuir no andamento da pesquisa.

Oliveira (2002, p. 119) conceitua a pesquisa bibliográfica mais ampla do que a pesquisa documental. Esta pesquisa tem como finalidade conhecer as diferentes formas de contribuições, científicas e que podem ser realizadas sobre determinados assuntos ou fenômenos.

A pesquisa bibliográfica foi fundamental para a elaboração deste trabalho, pois primeiramente o que se propôs foi fazer pesquisas profundas, através de textos que determinados autores contribuíram para a tessitura deste trabalho.

Esta pesquisa foi construída em dois momentos. O primeiro momento aconteceu através de observação feita na sala de aula. Observou-se duas turmas do Ensino Fundamental, a turma de 6º ano e de 7º ano. Essa fase de observação foi essencial para a construção e análise de dados. O segundo momento consistiu na parte prática da pesquisa de campo, que iniciou-se com uma roda de conversa, discutindo o conceito de cultura e englobando o contexto Parintinese em que estão inseridos. Esse segundo momento contribuiu para minha integração como parte do grupo, tornando mais fácil o diálogo com os sujeitos da pesquisa, com o intuito de prepara-los para o momento da parte prática. Os alunos foram divididos em grupos com a quantidade ao todo de seis grupos. No final da produção todos os grupos tiveram a oportunidade de apresentar os trabalhos feitos no papel cartolina na própria sala de aula.

Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos tratavam a temática “Linguagem Indígena no Cotidiano”. Todos expressaram que conhecem, mesmo que ainda brevemente algumas palavras presentes em seu dia a dia, que fazem parte da descendências da cultura Sateré-Mawé.

Em dias atuais, o bilinguismo no contexto escolar na cidade de Parintins é bastante presente, principalmente na vida dos alunos indígenas. Na maioria dos casos, saem de sua comunidade para migrar junto com sua família para a cidade. É nesse processo de migração que os indígenas adquirem a bilinguidade, e conseqüentemente

podem ser considerados alunos indígenas bilíngues. Salgado e Barreto (2009, p. 7-8) propõem a distinção entre bilinguismo e bilinguidade. Definem o bilinguismo como uma situação que coexistem entre duas línguas, vista como meios de comunicação em um determinado espaço social. Enquanto que o termo bilinguidade representa os diferentes estágios do bilinguismo, pelos quais os indivíduos portadores bilíngues, passam durante a sua trajetória de vida.

Na escola em que esta pesquisa foi desenvolvida, procuramos encontrar esses alunos indígenas, observar a rotina, e perceber como se encaixam e se reconhecem nesse campo varicionista, sobretudo atentando ao processo do bilinguismo. A escola é um ambiente em que encontra-se alunos de diferentes culturas. Nessa perspectiva nota-se as dificuldades encontradas por parte dos alunos em relação à bilinguidade, em ter que aprender outra língua para se inserir nesse novo ambiente.

## **O QUE É BILINGUIDADE E BILINGUISTO**

Bilinguidade é o processo pelo qual o falante de uma língua passa para adquirir outra língua, tornando-se bilíngue, o resultado desse processo é o bilinguismo. Nessa perspectiva, entende-se que a bilinguidade corresponde aos diferentes estágios de bilinguismo (SAVEDRA 2009). Esses estágios são essenciais para identificar o grau de bilinguidade do falante, pois isso varia de acordo com as diferentes épocas e situações de sua vida, “uma vez que ela se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas” (IDEM, 2009, p. 128). Nesse sentido, compreende-se que são vários os fatores que influenciam o processo de bilinguidade, permitindo que os falantes atinjam várias fases do bilinguismo ao longo de sua vida.

Kubaraski e Moraes (2009) apresentam uma proposta que possibilita o indivíduo fazer o uso de duas línguas como a língua materna ou a adquirida, escolhendo a situação linguística ou a cada ambiente. O termo bilíngue é algo muito complexo, mais é concreto o fato com relação aos alunos que conseguem falar mais de uma língua além daquela que ele nasceu e adquiriu primeiro, consideradas como língua materna e a língua adquirida.

O termo bilinguismo requer uma definição mais comum, que possamos perceber este fator como algo mais corriqueiro, por ser uma condição muito presente em nosso cotidiano. Quem não conhece ou conheceu pessoas que vieram de outras regiões, que trouxeram consigo culturas diversas? Todos nós conhecemos pessoas que



migraram para nossa região e com o decorrer de tempo adquiriram um pouco de nossa cultura em especial no ato da fala, fazendo com que a linguagem sofra com essas mudanças.

Para Albuquerque (2016, p. 347) a ideia de bilinguismo também reflete tanto as características do indivíduo (graus variados de competência e diferentes modos de fala) quanto as características sociológicas do contexto (local, participantes, situação, tópico e a função da interação). Para que o indivíduo se caracterize como bilíngue é necessário passar pela bilinguidade, que está inteiramente integrada diariamente nas novas experiências de vida do falante que agora se vê na necessidade de adquirir outra língua.

Em uma escola, não é muito difícil se deparar com alunos que vêm de outras regiões e que passam por um grande processo de mudanças em suas vidas. Durante o período desta pesquisa, ouvi relatos de professores e da pedagoga ao comentarem que os alunos indígenas passaram por muitas dificuldades; de início na linguagem, mas devido ao tempo e ao período de estadia na escola, foram se adaptando a esse novo ambiente. Atualmente podem ser considerados alunos indígenas bilíngues.

Salgado e Barreto (2009, p.121) referem-se ao termo bilíngue somente o indivíduo com domínio igual e nativo em duas línguas; parte da afirmação que bilinguismo é um fenômeno relativo, uma condição particular, que pode ser identificada pelo contexto e formação das duas línguas. Entende-se que o termo bilinguismo é o indivíduo que tem a necessidade de expressar-se em duas línguas de diferentes contextos e em diferentes circunstâncias, que podem ser adquiridas com o tempo, que se manifestam através do ato da fala e por meio da linguagem.

Bombieri (2010) citado por Rodrigues (2015, p. 142) esclarece algumas características da educação escolar indígena, vista como uma educação diferenciada, específica, bilíngue e intercultural. Ou seja, o bilinguismo não é apenas fazer uma tradução de uma língua para outra, mas as duas. Nem só uma, nem só outra, mas as duas. Ao ponto que as duas sejam faladas e escritas sistematicamente. Sendo assim, possível transmitir todo o conhecimento das duas línguas que o indígena aprendeu ao longo de sua trajetória de vida.

Quando se discute educação bilíngue para crianças de grupos minoritários, deve-se atentar ao fato de que essas crianças frequentemente vêm de comunidades que não oferecem uma boa qualidade de vida. É o caso dos indígenas no Brasil ou mesmo de grupos imigrantes.

De outro modo bilinguidade de uma pessoa pode variar com o tempo. Essa ação pode ser considerada como o processo de aquisição de um determinado falante que se encontra sujeito a adquirir um outro tipo de linguagem, além de sua língua materna.

McCleary (2009, p. 28) refere-se ao termo bilinguidade como graus de habilidades bilíngue, vista em uma qualidade mais dinâmica e variável de uma pessoa que possui uma habilidade bilíngue. A bilinguidade de uma pessoa pode mudar com o tempo. Tenhamos como exemplo; uma pessoa que muda de uma região para outra, começa a vida referente a uma linguagem considera como sua língua materna, as que seus pais também falam, e que utiliza em seu dia a dia.

Salgado e Barreto (2009, p. 128) definem bilinguidade como diferentes estágios do bilinguismo, pelos quais os indivíduos portadores da condição bilíngue, enfrentam na sua trajetória de vida. Por isso defende o estudo voltado para a produção discursiva de um indivíduo bilíngue. Fundamentalmente devemos identificar os estágio de bilinguidade no momento em que ele produz a enunciação de fala, é nesse momento que é possível constatar um aluno em sala de aula bilíngue.

Portanto, a bilinguidade é configuração de expressão particular do bilinguismo. Podemos meditar que cada sujeito possui um grau de bilinguidade que pode se modificar com o tempo de contorno bem dinâmica, de acordo com a situação do bilinguismo que lhes são apresentados, desta forma podemos falar que, a manifestação de bilinguidade está absolutamente relacionada com o contexto social que o indivíduo faz parte. Então, quando se pensa no processo de bilinguidade que além de desenvolver aspectos linguísticos das línguas em contatos no procedimento de desenvolvimento de bilinguidade, permite além de ampliar os aspectos políticos e culturas das variantes línguas.

## **OS POVOS INDIGENAS SATERÉ-MAWÉ NO CONTEXTO URBANO**

O primeiro nome, Sateré, significa em Língua Portuguesa, “lagarta de fogo” serve como referência ao clã mais importante dentre o os que compõem essa sociedade, e o segundo nome Mawé, significa “papagaio inteligente e curioso” ou papagaio falante. E a língua é o Mawé do tronco linguístico Tupi. Por isso é importante falar sobre essa questão.

Segundo Teixeira (2005, p. 21) “os indígenas Sateré-mawé habitam nas regiões de Terra Indígena Andirá Marau, localizada na região do médio rio Amazonas, entre os estados do Amazonas e Pará. Ocupam também uma pequena área dentro da Terra indígena Koata -Laranjal junto com o povo Mundurucu[...]”. O índio Sateré-Mawé em sua maioria vive nas comunidades do município de Barreirinha- Am, por ser mais próximo do Rio Andirá que dá acesso às comunidades onde suas aldeias se localizam.

Ainda podem ser encontrados moradores indígenas nas cidades como Maués, Parintins e Manaus. O processo de migração acontece quando os pais não têm condições de sair da aldeia junto com seus filhos para a cidade e como a educação escolar ainda não é muito eficaz, decidem mandar seus filhos para a cidade, é nesse processo migratório que o indivíduo se depara com a necessidade de falar outra língua, para que haja a socialização no ambiente escolar.

A infância para as crianças indígenas Sateré-Mawé pode ser considerada um grande universo de aprendizagem, onde elas têm o direito à liberdade de escolhas e o mais importante de tudo, elas têm a possibilidade de viver os diversos tipos de expressões que fazem parte de sua realidade do seu cotidiano (MUBARAC, 2011). A concepção de escola transmite a ideia que a educação escolar é a que possibilita um futuro de uma vida melhor, transmite a visão de que a escola é um palco que permite inúmeras possibilidades e diferenças. Os motivos que levam as famílias saírem de sua comunidade é justamente essa busca por uma vida melhor. Os Sateré-Mawé em sua maioria saem da aldeia junto com sua família por motivos de emprego, saúde, economia e um dos fatores que costumo destacar como principal, a educação. Porém, esse processo de adaptação e interação com os falantes de outra língua, muitas vezes se dá de forma lenta e gradual na sala de aula.

Para eu me alfabetizar não foi fácil. Eu não conseguia falar a língua portuguesa e não entendia a explicação do professor. Com meu esforço e com muita insistência, consegui me alfabetizar. Hoje com meus alunos é diferente. As crianças têm bastante liberdade: falam, brincam, contam histórias, fazem perguntas. (Valdivino Muçambite Martins). (Rodrigues,2005, p. 60)

Esse é um relato de um professor indígena que assim como muitos alunos indígenas sofrem em seu processo de aquisição em adquirir outra linguagem além de sua língua materna, ele também se viu sujeito em se adaptar sozinho nesse processo de modificação e transformação em manusear outra língua sobretudo a Língua Portuguesa. Assim é a vida do aluno indígena Sateré-Mawé na escola de zona Urbana, ele deve se adaptar primeiro para poder conseguir adquirir a Língua Portuguesa, e isso

acontece por esforço próprio, porque a escola do contexto urbano ainda não está preparada para lhe receber. É nesse processo que a bilinguidade se faz presente na vida do aluno indígena Sateré-Mawé.

Rodrigues (2005) expõe o relato de um professor indígena que descreve sua experiência como aluno falante de língua Sateré e suas dificuldades em aprender através de outra língua do qual ele não dominava. Essa, é uma realidade bastante comum nas escolas públicas de zona urbana que recebem esses alunos indígenas mesmo sem ter um plano pedagógico que os ampare, possibilitando a inclusão dos mesmos.

Albuquerque (2016) defende o direito a uma educação escolar indígena que promova suas identidades étnicas, costumes e tradições e que lhes protejam de uma prática assimiladora de suas culturas. Neste sentido, a educação escolar indígena no contexto urbano não deve ser resumida apenas em falar o seu idioma de origem, os objetivos devem ir muito além. Deve haver o incentivo da produção e publicação de textos em sua língua a fim de promovê-la.

Para Simas (2012, p. 57) a escola com relação a educação escolar diferenciada tem a especificidade em sua base porque deve atender as necessidades peculiares de cada comunidade, visto que existe a sociedade indígena e não indígenas. Cada etnia tem a sua forma de entender o mundo, e organizar a sua vida em sociedade. Esse ponto de vista é uma resposta ao pensamento de homogeneidade cultural. A língua é uma forma de expressão estreitamente ligada à liberdade e ao exercício da vida humana, dos direitos culturais linguísticos, dos próprios direitos de liberdade de expressão e comunicação e materialização do bem cultural.

Baseado nessas premissas, podemos então considerar a língua como cultura, por ser uma forma de expressão de determinados grupos social. A língua e cultura não podem existir de maneira que uma deixe de auxiliar no processo de expressão e comunicação de ambas as formas, porque uma pressupõe a outra. É através da linguagem que nós somos capazes de ser reconhecidos, e é por meio desta competência linguística que é possível termos conhecimento das línguas do mundo inteiro. Podemos considerar as diversas formas de linguagem em especial a linguagem oral, como um instrumento essencial na vida do aluno indígena do centro urbano, por ser uma prática de interação.

Molica e Braga (2013, p. 51) confirmam que a observação do dia a dia na escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das

comunidades discursivas. Compreende-se, nesse contexto, a influência de variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos ou resistência a mudanças.

Temos a concepção de que a escola nos transmite a ideia de que a educação escolar, possibilita um futuro de vida melhor às pessoas que dela participam. Mas, nos conduz ainda a visão de que, escola é uma espécie de palco que possibilita inúmeras possibilidades e diferenças. É nessa situação que muitos indígenas Sateré-Mawé que moram em zona urbana são obrigados a resistir.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Como já foi dito anteriormente, o objetivo desta pesquisa consistiu em compreender o bilinguismo de alunos indígenas Sateré- Mawé nas turmas de 6° e 7° ano de uma Escola Pública de Parintins. Haja vista que o termo bilinguismo em uma definição mais comum é entendida como o indivíduo que fala duas línguas enquanto que a bilinguidade é o processo que esse indivíduo enfrenta durante o período de aquisição de adaptação em manusear a outra língua. Em busca de alcançar o objetivo da pesquisa que utilizou o método qualitativo e observacional no contexto escolar de uma Escola Pública de Parintins, fez- se um questionário com sete alunos indígenas Sateré-Mawé que foram os sujeitos principais deste trabalho.

Para mais informações, foi necessário a elaboração de um quadro, constando os dados dos alunos indígenas, relacionados ao nome, idade, escolaridade e sexo, com o interesse em primeiramente analisar os resultados obtidos durante o processo de pesquisa de campo no contexto escolar e depois mostrar os resultados finais deste trabalho.

### **QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS**

**Aluno (os): André, Davi, Jaime, Léo, Joana, José e Pedro**

**Data: 22.11.17**

**Escola: Educação do Saber (Nome fictício)**

<b>Dados dos alunos</b>			
<b>NOME (FICTÍCIO)</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>SEXO</b>
<b>André</b>	<b>12 anos</b>	<b>6° ano</b>	<b>Masculino</b>
<b>Davi</b>	<b>11 anos</b>	<b>6° ano</b>	<b>Masculino</b>
<b>Jaime</b>	<b>11 anos</b>	<b>6° ano</b>	<b>Masculino</b>

<b>Léo</b>	<b>11 anos</b>	<b>6° ano</b>	<b>Masculino</b>
<b>Joana</b>	<b>13 anos</b>	<b>7° ano</b>	<b>Feminino</b>
<b>José</b>	<b>12 anos</b>	<b>7° ano</b>	<b>Masculino</b>
<b>Pedro</b>	<b>13 anos</b>	<b>7° ano</b>	<b>Masculino</b>

**Turmas: 6º ano e 7º ano**

O questionário foi respondido por sete alunos indígenas da etnia Sateré-mawé do 6° e 7° ano matutino, com idade entre 11 a 13 anos, sendo apenas um do sexo feminino e seis do masculino. Este questionário foi composto por dez perguntas relacionadas à temática desta pesquisa. Segue as perguntas com as devidas respostas. As respostas estão de acordo com a forma escrita do aluno.

<b>DESDE QUE SÉRIE VOCÊ ESTUDA NESTA ESCOLA?</b>	
ANDRÉ	1ºano
DAVI	1ºano
JAIME	2ºano
LÉO	3ºano
JOANA	2ºano
JOSÉ	5ºano
PEDRO	1ºano
<b>EM QUE LUGAR VOCÊ MOROU MAIS TEMPO?</b>	
ANDRÉ	Perto do bombeiro. (Cidade)
DAVI	Em casa com meus pais e com meus irmãos. (Cidade)
JAIME	Morei mais no interior depois que vim pra cidade.
LÉO	No interior.
JOANA	No palmares. (Cidade)
JOSÉ	Cidade.
PEDRO	Na cidade.

O fator grau de escolarização, segundo Bortoni- Ricardo (2014) também é uma influência, para atentar ao fato de que os anos de escolarização e a qualidade das escolas que o indivíduo frequentou também tem que ser vista como uma das causas em seu repertório sociolinguístico.

Na perspectiva do contexto sociolinguístico em sala de aula, o grau de escolaridade é muito importante na vida do aluno, pois se o aluno indígena estuda na escola de zona urbana desde as séries iniciais torna-se mais fácil a interação com os demais colegas, e a aprendizagem da segunda língua. Já o aluno que iniciou em uma escola de zona rural e depois por algum motivo precisou mudar para a escola na zona urbana sofre o impacto da necessidade de adaptar em um novo ambiente e uma nova língua. Nesse sentido, o primeiro aluno mostrará mais desempenho se comparado ao segundo.

Sobre a segunda pergunta, a maioria respondeu que mora há mais tempo na cidade, somente dois alunos passaram a maior parte da vida morando na zona rural. Há

diferenças claras entre esses alunos. Os alunos que moram a mais tempo na cidade, têm mais facilidade de comunicação e interação na sala de aula e esses alunos já fazem parte de determinados grupos de colegas. Enquanto que os alunos que estão a menos tempo residindo na cidade são mais tímidos e sentem mais dificuldade em expressar-se e socializar com os demais.

Com base nessa questão, Bortoni- Ricardo (2005) trata a questão da migração rural-urbana, fazendo uma análise de característica sociolinguística. Começa por assim dizer que a sociologia tradicional no Brasil têm como o objetivo tratar as características rurais da sociedade brasileira, junto com a urbanização de contextos de épocas diferentes, onde a sociedade brasileira mostrava-se em grande desordem. Bortoni-Ricardo defende que a nossa urbanização é desordenada, porque ao contrário do que aconteceu no primeiro mundo, no Brasil e em outros países periféricos, a urbanização passou despercebida pela industrialização, ao contrário dos países onde a revolução industrial estava acontecendo, em meados do século XVIII. Até início do meado do século XX, o Brasil ainda era considerado um país rural.

Em relação a essa questão, percebeu-se que os alunos indígenas moram há mais tempo na cidade. Acredita-se que os motivos maiores de eles estarem morando na cidade é o fato de que seus pais, decidiram migrar para a zona urbana com expectativas na melhorias de vida, educação e saúde. Por conta disso, os pais resolvem buscar uma escola nova para os filhos onde desejam que eles façam parte, para que no futuro eles possam ganhar espaço na sociedade. Os pais não tiveram essa oportunidade de estudo, por isso não desejam o mesmo futuro aos filhos, por esse motivo migram da zona rural para a zona urbana e se veem obrigados a adequar-se a um modo de vida totalmente diferente do vivido em umas comunidades.



<b>VOCÊ FALA QUE LINGUAS?</b>	
ANDRÉ	Falo português e sei algumas palavras indígenas
DAVI	Língua indígena e português
JAIME	Falo indígena e português
LÉO	Português e a língua indígena as vezes
JOANA	Português, indígena e espanhol
JOSÉ	Indígena e português
PEDRO	Português e língua indígena
<b>VOCÊ CONSIDERA QUAL LÍNGUA MATERNA: O PORTUGUÊS OU A LINGUA SATERÉ-MAWÉ</b>	
ANDRÉ	Sateré-mawé
DAVI	A língua Sateré
JAIME	Português
LÉO	Português
JOANA	Considero os dois
JOSÉ	Sateré-mawé
PEDRO	Os dois

Segundo o questionário, todos os alunos indígenas falam as duas línguas, apesar de algumas limitações relatadas por eles. Segundo o aluno André, ele fala o português e conhece algumas palavras da língua Sateré-mawé. Este aluno estuda na atual escola desde o primeiro ano. Passou a maior parte de sua vida na cidade, identifica-se como Sateré-mawé, porém, devido ao desuso de sua língua materna sabe apenas algumas palavras. Dessa forma, de acordo com as respostas dadas pelos alunos em questão, todos consideram-se bilíngues, já que todos afirmam falar as duas línguas.

Salgado e Barreto (2009) falam que os sociolinguísticos estudam as dimensões do Bilinguismo de maneira ampla, nesses estudos na área sociolinguística foram apontados alguns fatores como responsáveis pela caracterização de situações bilíngues, dentre esses fatores estão a comunidade linguística, os papéis e funções sociais, o status relativos dos falantes e das línguas, o reconhecimento e o domínio linguístico social. Salgado e Barreto ainda dizem que considera esses fatores como definidores de um estado que vive a situação de ter que compartilhar duas línguas, como um meio de interação social, permitindo identificar a comunidade bilíngue.

Considero o fato de que os alunos responderam que utilizam as duas línguas, primeiramente por atentar a questão de que um dos maiores fatores para que o

fenômeno bilinguismo aconteça, é identificar qual língua é considerada materna na comunidade linguística que o aluno faz parte. Tirei a conclusão de que são considerados alunos bilíngues por que eles têm domínio sobre duas línguas, por que eles sentem necessidade de interagir no meio social onde eles vivem, e fazer o uso da língua Sateré-Mawé e do Português.

Bortoni-Ricardo (2004) a partir de Noam Chomsky, propôs uma dicotomia entre competência e desempenho, a competência é conceituada sobre o conhecimento que o falante tem de um conjunto de regras, permitindo-lhes produzir e compreender um número infinitos de sentenças, fazendo com que possa reconhecer as sentenças bem formadas, de acordo com os sistemas de regras.

Pode-se dizer que os alunos indígenas com relação à língua e à fala, têm a competência linguística, porque há o conhecimento sobre a língua de sua comunidade, e isso faz com que eles sejam capazes de compreender e também produzir as regras de sua própria linguagem que predomina em sua comunidade de origem.

<b>O QUE VOCÊ CONHECE SOBRE A CULTURA SATERÉ-MAWÉ?</b>	
ANDRÉ	Nada, só algumas coisas.
DAVI	Eles de ferram na tucandeira
JAIME	Muitas coisas, gostamos de pescar, caçar, trabalhar e comer bem.
LÉO	Conheço a cultura indígena, a linguagem Sateré-mawé e os costumes.
JOANA	Sim eu conheço, obre a língua e como nós vivemos na aldeia
JOSÉ	Tudo, costumes e a língua.
PEDRO	Nem todas eu sei, porque eu moro mais na cidade.
<b>QUAL A REAÇÃO DAS PESSOAS QUANDO VOCÊ DIZ QUE É INDÍGENA?</b>	
ANDRÉ	Nenhuma.
DAVI	Eles ficam falando.
JAIME	Eles ficam diferente, ficam rindo.
LÉO	Elas mudam comigo. Porque eles não falam muito com os índios.
JOANA	Nada contra.
JOSÉ	Normal, me tratam bem.
PEDRO	Nada. Porque eu sei falar muito bem português.

Todos os alunos indígenas Sateré- Mawé responderam que conhecem a própria cultura. Citaram o ritual da tucandeira, os costumes do modo de vida na aldeia, como a pesca, a caça, que eles são bem unidos, e que os indígenas Sateré-mawé quando estão entre eles, só falam na língua indígena Sateré-mawé. Podemos definir os papéis sociais como um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Haja vista que, os papéis sociais são adquiridos no próprio processo de interação humana

Simas (2012, p. 31) reflete que no passado, a identidade indígena foi combatida e até silenciada. Atualmente o fortalecimento dela acontece, mas muitos indígenas, por medo do preconceito, terminam não afirmando sua ancestralidade. Esse ponto justifica-se quando os alunos dizem que os demais colegas mudam com eles ao saberem sua etnia. Segundo os entrevistados, as pessoas mudam com eles, ficam cochichando em sala de aula e se sentem-se incomodados, devido essas situações eles ficam com vergonha de falar que são indígenas. Funari e Piñón (2014, p. 38) referem-se que ao longo da história do Brasil, tem cristalizado a imagens sobre os povos indígenas que “fazem a cabeça” dos cidadãos presentes e futuras, muitas vezes na cultura; com isso, acabam favorecendo a exclusão ou, pelo menos fazendo o esmaecimento da presença indígena na sociedade e na cultura Brasileira.

Com base no questionário e na análise das respostas dos alunos indígenas que, eles se sentem constrangidos e demonstram vergonha em falar que são de origem indígena, porque os colegas e outras pessoas que fazem parte de um contexto diferente do seu, reagem de maneira que demostre reação de não aceitação enquanto à identidade deles. Embora os indígenas da etnia Sateré-Mawé convivam entre nós, muitas pessoas ainda tem a percepção de que os índios moram isolados na floresta e que vivem nus entre eles na comunidade. Digo que as limitações que o outro tem sobre a cultura do índio se resume na própria falta de informações nas escolas, por que não é muito trabalhado com os alunos de ensino fundamental, temas que visam tratar os conhecimentos sobre a valorização da diversidade cultural, embora essa comunidade se faça muito presente em nossa sociedade.

Desse modo, percebemos a deficiência entre o ensino sobre essa questão. Podemos considerar que a própria escola, enquanto deveria preparar esses futuros cidadãos a reconhecer e respeitar a sua própria cultura e identidade, ainda é muito falha,

os planos em educação escolar indígena, precisam planejar projetos que possam ser aderidas com urgência ao aluno do contexto urbano.

<b>QUAL LINGUA VOCÊ APRENDEU A FALAR QUANDO ERA CRIANÇA?</b>	
ANDRÉ	Português
DAVI	A língua indígena
JAIME	Sateré-mawé
LÉO	Português
JOANA	Português
JOSÉ	Indígena
PEDRO	Português
<b>EM QUE MOMENTO VOCÊ USA A LÍNGUA PORTUGUESA?</b>	
ANDRÉ	Na rua
DAVI	Na rua e na escola.
JAIME	Para falar com meus amigos que falam português.
LÉO	Quando perguntam e falam na escola, no meu dia a dia.
JOANA	Em todos os momentos.
JOSÉ	Em sala de aula, em casa, na rua.
PEDRO	Em todo lugar.

O questionário mostra que quatro alunos aprenderam a falar primeiro a língua portuguesa e três alunos responderam a língua Sateré-Mawé. Quatro alunos começaram o seu processo de formação linguística a falar o português. O motivo desse processo é por estarem inseridos em uma sociedade de espaço de zona urbana. Embora os seus pais e avós façam o uso da língua Sateré-Mawé, a maioria dos alunos indígenas já nasceram na cidade. O outro fato é pensar que os alunos que nasceram na aldeia, tiveram motivos para mudar-se para a cidade, e com isso adotaram a língua portuguesa como segunda língua.

Silva (2010, p. 70) contribui sobre os usos orais do português e do Sateré-Mawé ao diagnosticar em quais espaços Sateré-Mawé está sendo substituído pelo português, ou, qual a situação de bilinguismo presente neste grupo e o quanto isso pode interferir na vitalidade da língua indígena.

Como isso, o que se considera é ao fato de que os alunos indígenas responderam que falam a língua portuguesa em sala de aula, com os colegas com o professor e na rua. Nota-se que, os alunos Sateré-Mawé falam mais a língua portuguesa,

pois estão inseridos na cidade de zona urbana e falar este idioma é necessário, é nesse processo de transição, entre as duas línguas que ocorre o fenômeno bilinguismo.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005) as línguas naturais são por natureza, um fenômeno muito sensível ao contexto. Mas que os eventos de fala são bastante variáveis com relação à dependência contextual.

Três alunos indígenas responderam que aprenderam a falar primeiro a Língua Indígena e três responderam que aprenderam primeiro a falar a Língua Portuguesa e somente um aluno indígena respondeu que aprendeu a falar as duas línguas ( Língua Portuguesa e o Sateré-Mawé). Os alunos indígenas passaram por processos devido a necessidade de se inserir e poder expressar-se com as pessoas que nasceram em um contexto diferente do seu, fazendo com que eles se tornem alunos bilíngue na sociedade de um contexto urbano.

<b>QUE LINGUA VOCÊ TEM MAIS FACILIDADE PARA SE EXPRESSAR?</b>	
ANDRÉ	Português
DAVI	A língua portuguesa
JAIME	Língua indígena
LÉO	Português
JOANA	O português
JOSÉ	Língua indígena
PEDRO	As duas
<b>VOCÊ USA A LÍNGUA INDÍGENA NA ESCOLA? EM QUE MOMENTO?</b>	
ANDRÉ	Não
DAVI	Nenhum momento
JAIME	Sim, quando não quero falar em português.
LÉO	Não muito, momento quando apresentam alguma apresentação do tema indígena na escola.
JOANA	Às vezes, quando perguntam se eu falo indígena.
JOSÉ	Sim, com os colegas indígenas
PEDRO	Não

Quatro alunos indígenas responderam que têm mais facilidade em se expressar por meio da língua portuguesa e dois responderam em língua indígena. Mas o aluno Pedro respondeu que consegue se expressar com as duas línguas. Bortoni-Ricardo (2005) refere-se à tendência evolutiva dos padrões de linguagem da população migrada com pessoas de zona rural, na qual depende muito do seu processo de mobilidade social, ou seja, quando o indivíduo conviver socialmente, o seu modo de interação se

tornará cada vez mais heterogênea. O processo de difusão dialetal faz com que o falante, utilize cada vez mais a norma culta.

Vamos considerar os alunos indígena que tem mais facilidade de se expressar através da língua portuguesa, por ter nascido na cidade e os alunos que tem mais facilidade de se expressar na Língua Sateré- Mawé, por ter nascido na zona urbana.

Os alunos responderam que não utilizam a língua Sateré- Mawé na escola no dia a dia. Mas quando esse espaço é aberto para que eles tenham a oportunidade de mostrar o que sabem por meio da linguagem é só quando se comemora o dia do índio na escola. A necessidade de falar e escrever em Sateré-mawé é evidente, desse modo os alunos indígenas, com o tempo, não perderiam o contato com sua língua materna.

Paiva e Gomes (2005) contribuem dizendo que em uma visão dicotômica a fala e a escrita estariam associadas a contextos funcionais totalmente distintas uma da outra, onde a escrita seria um meio de comunicação privilegiado no meio das instituições como no mundo escolar e administrativos, e com relação à fala, ela predominaria no contexto da comunicação familiar, amigos e colegas de trabalho. Com base nas considerações de Paiva e Gomes (2005) com relação ao processo de funcionamento de aquisição da fala e da escrita, que são processos diferentes. A escrita é primordial no contexto escolar no processo de aprendizagem dos alunos que estudam em zona urbana. Com relação à língua falada, os alunos se sentem mais seguros em falar a língua Sateré-Mawé principalmente em seu ambiente familiar, com os amigos que falam a mesma língua, fazendo com que eles se sintam mais à vontade.

A modalidade escrita e falada da língua são dois processos que se adquirem em contextos diferentes. O papel da escola é trabalhar com as crianças, principalmente em séries iniciais no processo de aprendizagem da língua escrita; enquanto que a língua falada, que é o que interessa a esta pesquisa, ao papel familiar, porque é o convívio social e o grupo que as crianças nascem e fazem parte é o principal na formação da aquisição da língua falada. Os alunos indígenas Sateré-mawé em sua maioria demonstraram ter o domínio na língua portuguesa, por conta da localidade em que eles se encontram atualmente. Isso é um dos maiores fatores no processo da aquisição de bilinguagem, fazendo com que eles possam ser considerados alunos que são conhecedores de duas línguas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Ao tratar sobre a educação escolar indígena, compreende-se o processo de bilinguidade, haja vista que o bilinguismo é um fenômeno que o indivíduo bilíngue encontra em diferentes situações, fazendo com que em sua trajetória de vida possa ser capaz de fazer uso de outra língua além daquela em que aprendeu a falar quando criança. O objetivo dessa pesquisa, consistiu em compreender o bilinguismo dos alunos indígenas Sateré-Mawé de duas turmas do Ensino Fundamental de uma escola pública de Parintins.

Partindo desse pressuposto, entende-se que compreender o conceito de Bilinguismo depende de várias questões de ordem política, social e cultural. Infelizmente, as políticas linguísticas no Brasil tendem a privar os indivíduos de adquirir outra língua, ao invés de possibilitar o conhecimento de diversas línguas na construção cultural do próprio país. Assim, percebemos as dificuldades dos alunos Sateré-mawé, uma vez que sua língua não é trazida para o espaço escolar e desse modo é necessária a bilinguidade para adquirir uma outra língua, o que os tornam sujeitos bilíngues. Nessa perspectiva, o que existe é um ensino quase exclusivo da língua portuguesa, uma vez que é a língua oficial do país.

Após estudos e análises dos dados coletados no decorrer deste trabalho, observou-se que se faz necessário à aceitação do Bilinguismo para o reconhecimento do aluno indígena tanto na instância educacional quanto na social. Desta forma, tais alunos necessitam da aquisição da língua portuguesa devido à necessidade de comunicação oficial. Levando em consideração a temática abordada e os resultados até aqui alcançados, além de compreender o bilinguismo e como esse fenômeno acontece na vida do aluno indígena, essa pesquisa contribuiu para a educação no sentido de refletir sobre um assunto bastante comum nas escolas públicas do município de Parintins, além de possibilitar a promoção da cultura Sateré-Mawé no contexto educacional. Deste modo, esta pesquisa abre portas para novos estudos relacionados ao bilinguismo, pois é fato que esse é um assunto no qual muito ainda há a ser dito.

Portanto, podemos concluir que o bilinguismo, de acordo com esta perspectiva científica, contribui para um melhor desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem e que a bilinguidade constrói diariamente a autonomia do sujeito bilíngue, garantindo a diversidade, respeitando às diferenças, buscando a efetivação dos direitos e da ampliação da cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Ensino de língua numa perspectiva intercultural**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 1945- **Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística e educação**, -São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e rede sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**: Parábola, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Manual de sociolinguística** /Stella Maris Bortoni-Ricardo. - São Paulo: Contexto ,20014.
- \_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo **A temática indígena na escola: subsídios para os professores/** Pedro Paulo Funari, Ana Piñón. -1ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2014L
- KUBASKI, Cristiane. MORAES, Violeta Porto. **Bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.PUCPR.2009.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos** 7. ed. – 9. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2014.
- MCCLEARY, Lelad, **Sociolinguística**, universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharel em Letras- Librasna modalidade e distancia, Florianopolis,2009.
- MOLLICA; BRAGA, **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.
- MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. **Vozes infantis indígenas: As culturas escolares como elementos de (des)encontros com as culturas das crianças Sateré-Mawé**. Manaus: Editora Valer, Fapeam, 2011.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de, 1943 – **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**, revisão Maria Aparecida Bessana. - São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- PAIVA, Adriano Toledo, 1984 – **História indígena na sala de aula**, - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.



RODRIGUES, Darcimar Souza. **Vivências pedagógicas: relatos da trajetória de vida de professores indígenas no alto Solimões-AM/** Manaus (AM0: UEA edições, 2015).

SALGADO, Ana Claudia Peters, Barreto Mônica Maria Guimarães Savedra. **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato:** homenagem ao professor Jurgen Heye / organizadoras Ana Claudia Peters Salgado, Mônica Maria Guimarães Savedra Barreto. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SAVEDRA, Mônica. Maria. G. (2009) **Bilinguismo e bilinguidade: uma nova proposta conceitual** In: SAVEDRA, M..M.G. & SALGADO, A.C.P (orgs.) **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras: (121-140).

SILVA; Pereira, Raynice Geraldine Pereira. **Estudo morfossintático da língua Sateré-Mawé** / Raynice Geraldine Pereira da Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **Letramento indígena potiguara/** Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.

TEIXEIRA, Pery. (org). **Sateré-Mawé - retrato de um povo**. Manaus: Fundo de População das Nações Unidas para Infância, 2005.

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sateré-Mawé>. 2014

<https://www.significados.com.br/dialetica/>